

FOCALIZAÇÕES DO ESPAÇO EM POEMAS DE *ADAGA LAVRADA*, DE LARA DE LEMOS

Tamara dos Santos*

Resumo: Este trabalho busca verificar como o espaço serve como focalizador no texto literário, partindo do pressuposto que o texto literário vincula em si uma visão, como afirma Brandão (2013). Como o imaginário se faz presente na recomposição dos espaços, também é aqui objeto de investigação. Para isso, serão analisados os poemas “Tempo Submerso”, “Herança” e “Finale” de *Adaga Lavrada* (1981), da escritora Lara de Lemos. A partir da leitura dos poemas serão estabelecidas relações entre o eu lírico e o espaço. O trabalho objetiva verificar como o eu lírico se expressa a partir do espaço a partir da teoria da focalização de Brandão (2013) e Foucault (2003) para a construção da identidade dos imigrantes italianos nesta obra de Lara de Lemos.

Palavras-chave: Espaço; Literatura Gaúcha; Literatura de Mulheres.

Abstract: This paper aims to verify how the space can function as a focalizer in the literary text, assuming that this kind of text has in itself a point of view, as Brandão (2013) affirms. How the imaginary is part of the recovery of spaces is also object of study. To do so, three poems from the book *Adaga Lavrada* (1981), from the South Brazilian writer Lara de Lemos, will be analyzed. From this reading, relations between the speaker and the space will be established. This paper aims to verify how the speaker expresses itself from these spaces, assuming Brandão (2013) and Foucault's (2003) theory of focalization to study how Italian immigrant's identity is constructed on this work of Lara de Lemos.

Key words: Space; Rio Grande do Sul Literature; Women's Writing.

1 Introdução

A literatura é fruto de trabalho com a linguagem feito pelo autor, nesse sentido, o elemento principal do texto literário é o efeito estético, que se caracteriza de maneiras diferentes na prosa e na poesia. A linguagem literária busca remanejar as palavras do uso cotidiano para que elas sejam resignificadas de acordo com o trabalho do escritor, ganhem ritmo e assumam assim um efeito estético. Embora a obra se pretenda primeiramente como um convite à fruição do leitor, o texto literário carrega em si uma visão, tanto no conteúdo quanto no tratamento estético que o autor mobiliza em sua obra, que tem ligação com o imaginário da época qual o texto literário foi gestado. Assim, os textos literários, em sua natureza histórica, carregam visões de mundo em sua forma material, que dizem respeito ao momento em que o texto foi escrito, mesmo sem a intenção de fazê-lo. Como Bakhtin afirma em *Questões de Estética e Literatura* (1998), de acordo com a época histórica em que obras literárias são

* Graduanda em Letras (Português) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

E-mail: tamisantos07@bol.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8993210224305035>





produzidas há certos tratamentos da matéria literária que estão condicionados ao momento histórico no qual a obra surge, ainda que o autor não esteja consciente deste processo (BAKHTIN, 1998). Geralmente os textos estão escritos através de uma perspectiva, a partir da qual a narrativa ganha corpo e voz, que pode ser em terceira pessoa no caso da narrativa, em que há certo distanciamento entre matéria narrada e perspectiva; ou em primeira pessoa, presente tanto na narrativa quanto na poesia, em que há o forjamento de uma perspectiva que funciona apenas em relação ao texto ficcional. Algumas vezes, podemos afirmar que a voz de um texto se aproxima, como no caso da auto-ficção, ou se distancia da voz do autor, de acordo com indícios presentes na materialidade textual, que permitem leituras diferenciadas, a partir do que se define como parâmetro de leitura da obra literária. Desta maneira, o texto, em algum momento, pode representar uma dada experiência relacionada à vida do autor, ou a voz poética pode materializar algo presente na sociedade em que o autor está inserido e apontar para uma representação maior de algo presente ali, que pode conter em si certo caráter de alegoria ou de importância para a memória coletiva na sociedade. O escritor tem em sua arte a possibilidade de falar sobre temáticas que dizem respeito à sociedade através de representações que relacionadas ao “eu”, mas que em um segundo momento mimetizam em si a experiência de um povo.

Para que o leitor se aproprie do efeito estético, certas opções de leitura são necessárias. Podemos então pensar a partir de categorias de análise e dos elementos da narrativa para formular apreciações possíveis do texto literário, que permite mais de uma. A partir de como o narrador ou eu lírico de uma obra literária se apresenta, podemos formular hipóteses para o sentido do texto. Pode-se também partir de outros elementos narrativos, como o espaço, para conceber a interpretação de uma obra. De acordo com Brandão (2013), o conceito de espaço tem ocorrências distintas, uma delas, mais específica, é a questão do espaço como focalização, na qual a literatura pode vincular em si uma visão e, desta forma, o narrador é um espaço, a partir do pressuposto de que quem narra precisa estar em algum lugar para fazê-lo (BRANDÃO, 2013, p. 62). O referido autor comenta também que a visão se dá entre a relação de dois planos espaciais distintos, o espaço visto, aquele que o narrador organiza, concebe, percebe; e espaço vidente, aquele que o narrador não tem como agir a respeito, por estar ali, e ser elemento configurador. Pensamos que esta definição pode ser produtiva para investigar como o eu lírico da obra *Adaga Lavrada*, de Lara de Lemos, consegue recompor e mimetizar a experiência de uma parcela de imigrantes que vieram para o Rio Grande do Sul em 1870, já que a autora é filha de descendentes.

Dada essa formulação, buscamos aqui investigar como acontece a representação do espaço como focalização, ou seja, como a voz do eu lírico remete aos dois polos espaciais, espaço visto e espaço vidente, nos poemas “Tempo Submerso”, “Herança” e “Finale”, de *Adaga lavrada* (1981), da escritora Lara de Lemos. Pretendemos analisar também como a memória se faz presente na recomposição destes espaços, de maneira a propor que uma das leituras seja a de que a voz do eu lírico possa ser associada como a representação ficcional coletiva do imigrante italiano, e servir como uma heterotopia de compensação, conceito de Michel Foucault a respeito dos espaços contemporâneos, que seria um “outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem arrumado quanto o nosso é desorganizado, mal disposto e confuso” (FOUCAULT, 2003, p. 421), em que o autor propõe que poderia se aplicar ao caso de algumas colônias de imigrantes. Por esse viés, vamos verificar também o quanto o espaço ficcional expresso nos poemas de Lara de Lemos se adequam a essa teoria das heterotopias de compensação.





2 Entre o Visto e o Ouvido: Espaços que Falam

Embora tenha sido laureada com prêmios importantes, a autora da obra *Adaga Lavrada* não é tão conhecida pelo público brasileiro. Lara de Lemos nasceu em Porto Alegre em 1923, filha de descendentes de imigrantes italianos. Cresceu em Caxias do Sul, cidade reconhecida pela grande incidência de imigrantes italianos que se estabeleceram na cidade, experiência representada também por José Clemente Pozenato em suas narrativas, por exemplo. Assim como Lila Ripoll, Lara de Lemos é uma das poetisas mais importantes para a literatura gaúcha, pela relevância de sua obra, que aborda questões de memória e identidade. O acervo com toda a sua produção (cartas, crônicas, críticas literárias, biblioteca pessoal da autora, etc.) está no Espaço de documentação e Memória Cultural – PUCRS (DELFOS). Cabe destacar também que Lara de Lemos trocou correspondências com Carlos Drummond de Andrade entre os anos de 1954-1957, período em que publicou seus dois primeiros livros, *Poço das águas vivas* (1957) e *Canto breve* (1962), que em pesquisa anterior desenvolvida durante meu trabalho na Iniciação Científica, foi constatado haver reflexos das digressões acerca da criação poética feitas com o autor na poesia escrita pela autora nos livros posteriores. O livro escolhido para análise, *Adaga lavrada* (1981), é um dos primeiros da produção madura da autora, que produziu cerca de treze livros, sendo o mais representativo deles *Inventário do medo* (1998), que descreve a experiência de um eu lírico feminino a respeito das experiências sofridas durante o período da Ditadura Militar.

O livro escolhido para análise neste trabalho, *Adaga lavrada* (1981), tem como epígrafes dois autores italianos, que dão para o leitor a possibilidade de correlacionar à origem da autora com os poemas que vêm na sequência, que dialogam com esta reminiscência. O livro traz como temática central a relação do eu lírico com a memória, e se divide em três partes. A primeira delas “Sete cantos do exílio”, cujo título já remete à questão de pertencimento, remonta à origem da família até a chegada ao Rio Grande do Sul, durante a leitura dos poemas se constrói uma imagem dos imigrantes, das vindimas e da colheita. O livro inicia com o poema “Tempo submerso”, em que o eu lírico faz digressões a respeito da infância com uma série de elementos que são elencados, como referências às vinhas, maçãs, figos, que assumem importância na constituição do sujeito lírico ao mesmo tempo em que remetem indiretamente à Itália. Após essa recomposição, estão os versos “É preciso preservá-los/ contra um tempo de cinzas” (LEMOS, 1981, p. 17), que indicam certo pessimismo do eu lírico, que está imerso em um tempo em que a vida não acontece com facilidade, o que talvez seja referência a Ditadura Militar, ainda vigente no ano em que o livro foi publicado, e que ao longo do livro é tematizada em outros poemas. Logo em seguida, seguem os versos: “Difícil lembrar/ o que nunca foi dito/ e ousou crescer demais./ Tardio transbordamento” (LEMOS, 1981, idem), que fazem uma retomada das palavras que não foram ditas pelas pessoas, mas que seguiam presentes no imaginário, o que pode indicar de certa forma a presença de uma vivência não imediatamente reconhecida ou, em outras palavras, indica uma retomada de consciência por parte do eu lírico, que a partir das experiências vividas pelos seus antepassados nos mostra seu ponto de vista. Nesse sentido, “transbordamento tardio” remete à retomada do eu lírico a respeito de algo que está presente no momento do poema, mas que não ganhou palavras, que não foi dito por ninguém; no momento da elocução, esta tensão está sendo reelaborada por alguém que quer compreender o que não foi explicado e que é tão crucial para o entendimento do eu lírico a respeito de si mesmo, traço que vai se repetir nos poemas posteriores.

O poema seguinte, “Campos da infância”, versa também a respeito da memória do eu lírico, em que há a recomposição das brincadeiras de infância, enquanto que em “Os idiomas do berço” há uma





série de remissões à tradição dos imigrantes italianos. Como Lara de Lemos foi criada pela avó, há certa relação entre o poema e a vida da autora, pois é possível que ela tenha partido de sua experiência para criar o poema, ainda que autor e eu lírico sejam elementos diferentes e não se possa falar que é a autora quem está falando no poema. O eu lírico comenta a respeito da fala das avós, que eram doces em seu trato com as crianças ainda que impusessem respeito (o que é indicado pela metáfora “pêra madura”), ao mesmo tempo em que compara o avô ao vinho e comenta a respeito de sua infância quando ouvia as histórias dele: “Carrossel de estórias/ dos que vinham de longe/ e sabiam de guerras/ e sabiam de fomes/ e sabiam de exílios” (LEMOS, 1981, p. 19). Em nossa leitura, as palavras “guerras”, “fomes” e “exílios” remetem à experiência da vinda para o Brasil, tanto no momento em que decidiram vir quanto depois de chegarem ao país e se depararem com dificuldades econômicas, entre outras. Há uma estrofe anterior a essa com uma canção em italiano, que nos fornece a chave de leitura, e a estrofe seguinte endossa nossa análise: “Sem rosto nem voz/ o nome esquecido /tão longe de amigos /tão longe das margens /dos rios de outrora. /Tão longe de tudo” (LEMOS, 1981, p. 18). Parece que estes imigrantes já não sabiam mais o nome, pois ao atravessar o Oceano Atlântico parece que se despiram do nome, que a voz e o rosto perderam as características próprias que neles os diferenciava dos demais, por estarem longe de casa e dos amigos e não terem mais referenciais para se identificar.

Hall (2009) comenta que a identidade se constrói em relação ao outro, pois somos aquilo que o outro não é. Podemos afirmar que, no poema, a construção da identidade se desestabiliza em um primeiro momento, pois o eu lírico perde as referências que o tornavam aquilo que ele era, mas que agora estão distantes e não podem mais servir como referência. “Vindimas”, outro poema, aborda a respeito do trabalho nos campos de cultivo de uva, e versa sobre a experiência dos imigrantes para sobreviver, tanto que o verso de abertura é “Era um tempo de escravos.”. O poema que encerra esta parte, “Herança”, dá o tom de leitura para o livro:

Brotou dos ancestrais
a minha angústia.
Milênios de noites
nostalgia de portos
nunca vistos.

Brotou dos ancestrais
este canto
povoado de lendas
naufrágios, desterros
infortúnios.

Brotou dos ancestrais
esta vertente
este rio de vertigens.
Cardume correndo
para o nada.

Brotou dos ancestrais





este meu pranto
enxuto, denso.
Inclémência de pedra
no meu peito.

Este legado
é todo o meu engenho.
(LEMOS, 1981, p. 27)

Podemos ver neste poema um eu lírico que representa a coletividade, que se coloca como portavoz de certa parcela de um povo, com um legado repleto de peso, com lendas, naufrágios, destellos e infortúnios que de alguma maneira se relacionam à leitura proposta nas linhas anteriores. Há a recomposição de elementos que não fazem parte das experiências do eu lírico, mas que possivelmente fizeram parte da experiência dos avôs no traslado entre Itália e Brasil, como os portos, noites, infortúnios, etc. Estes elementos tornaram os avôs mais fortes, porque para chegarem e se estabelecerem em um lugar cuja língua, geografia e clima eram totalmente diferentes aos que estavam acostumados, precisaram ser fortes para sobreviver e constituir família. O eu lírico comenta que o legado que carrega consigo é um pranto, que se assemelha a uma resistência (inclémência de pedra), pois essa força que eles precisaram mobilizar ao estar em lugar ainda estranho se tornou uma característica dos imigrantes em relação aos outros povos, é uma marca identificatória dos imigrantes. Assim, o espaço visto no poema, aquele em que o eu lírico organiza, concebe, percebe através da estruturação estética se assemelha a uma construção coletiva, pois suas criações estão povoadas por um imaginário que não faz parte do espaço em que ele se insere no momento da criação poética, pois os poemas não são em italiano, e não fazem parte da realidade imediata do lugar; desta forma, a ficção deixa exposto um espaço vidente, aquele que o eu lírico não tem como agir a respeito, por estar ali, e ser elemento configurador da estrutura textual, ou seja, temos dois espaços que coexistem na leitura destes poemas.

Na parte dois do livro, “Anti-canto”, entramos na mesma questão de identidade, e faz-se representativo o eu lírico que fala, ou o espaço de que o eu lírico se comunica no primeiro poema desta parte, “Périplo”, em que ele afirma que não sabe mais para onde está indo, pois apenas o medo pode guiá-lo: “A rota é insegura./ Abandonei lenho e/ bússola./ Guio-me pelo medo.” (LEMOS, 1981, p. 33). Poderíamos interpretar como um sujeito que reflete a respeito da posição que ocupa no lugar onde está. Em sentido mais restrito, pode ser que o poema faça referência também ao período da ditadura vivido pela autora, quando o eu lírico diz que é guiado pelo medo. Em “Degredo”, a temática do pertencer a um espaço é tematizada novamente, quando o eu lírico comenta que ao invés de documentos o que foi deixado para si foram somente as marcas amargas no rosto que, ao mesmo tempo em que não a identificam imediatamente com algum grupo, são parte do sofrimento dos seus quando chegaram no lugar que ainda não era o deles, e acaba por finalizar assumindo as tais marcas e a identidade autorizada/trazida por elas, pois são a “Única identidade/ a que pertencem/ inteira.” (LEMOS, 1981, p. 34).

Esta impressão é reforçada pelo poema que vem quase em sequência, “Cilada”, que foi republicado em *Inventário do medo* (1998), cuja temática é a prisão do filho do eu lírico (lembrando que Lara de Lemos vivenciou uma situação parecida na vida real quando seu filho foi preso por desacato). Para além dos poemas que retratam a Ditadura, parece que em “Anti-canto” encontramos um híbrido





entre a identidade trazida pelos avôs da Itália em diálogo com o que foi construído a partir da chegada da família no Rio Grande do Sul, nesse sentido, o eu lírico que se expressa através da poesia pertence a este espaço peculiar que foi construído socialmente através dos anos, em que coexistem espaço visto e espaço vidente. Vemos não uma descendente de imigração italiana, mas uma mulher gaúcha que traz esta herança consigo, e que se identifica com as duas tradições.

Na parte final, “Adaga Lavrada”, segue a reflexão sobre memória e identidade, como em “Escopo”, em que o eu lírico coloca a diferença existente entre aparência e essência, através de afirmações que não têm correspondência, como em “A verdadeira roupa/ - não a que me foi/ emprestada ao acaso/ do tempo.” (LEMOS, 1981, p. 49). No poema “Restos de um homem”, percebemos a relação do homem com a memória, que tende a desaparecer conforme o tempo passa, e o eu lírico reconstrói uma situação em que diz que não adianta tentar reaver o que já foi perdido, por mais que haja esforço do corpo em lembrar, pois após a passagem do tempo fica inviável recompor qualquer cenário com as tintas da memória, pois “A memória/ cavou seu fundo poço” (LEMOS, 1981, p. 53), ou seja, apenas o que a sensibilidade do ser conseguiu armazenar em si permaneceu consigo.

Em “Só muito tarde”, temos uma visão pessimista a respeito dos objetos que foram guardados pela memória, que é encontrada apenas tarde demais, mas que a dor, representada pela expressão “sangrar em mil palavras” utilizada pelo eu lírico, esta continua e é colocada no papel através do expressar-se em poesia. No poema “Matura idade”, o eu lírico se conforma com a situação de sua vida, e fala sobre o amadurecimento em não querer o que lhe foi negado, seguindo a vida “colhendo o que me coube” (LEMOS, 1981, p. 73), ou seja, uma das leituras possíveis se relaciona com as duas heranças coexistentes, tanto a italiana quanto a brasileira, e certa conformação neste sentido e aceitar as duas sem que haja alguma diferença ou hierarquia entre elas. Foucault afirma em conferência sobre espaço a respeito desta coexistência dos espaços, que seria característico da contemporaneidade: “Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso” (FOUCAULT, 2003, p. 411). Talvez por ser algo do contemporâneo é que tenha sido possível dar um tratamento estético para a questão neste momento histórico (1981). O último poema que trata a respeito da temática nesta parte, “Finale”, nos dá a versão dos filhos dos colonos, que de certa forma pertencem às duas formações culturais:

Nem caminhos
nem terras
nem vindimas.

Somente
a solidão do verbo
o escuro dos signos
a dura lavra
dos vocábulos.

Nesse branco deserto
convoco o sangue
- sêmen do poema.





O que vingar
será vossa colheita.
(LEMOS, 1981, 81)

Há o reconhecimento, por parte do eu lírico, de que já não existem mais as vindimas nem os caminhos nem as mesmas motivações que levaram seus familiares a decidir pela imigração para o Brasil, a situação mais difícil parece já ter passado, e cabe a ele apenas falar a respeito desta história, como o verso seguinte nos leva a pensar. O eu lírico se coloca como portador da voz, o que está na metáfora “convocar o sangue”, e compara a poesia que surgir deste processo de contar esta história com a colheita, que também remete ao campo semântico dos imigrantes e do trabalho que praticaram ao chegarem no RS. Nesse sentido, parece que o eu lírico assume o legado de falar a respeito da história de sua gente, incluindo-se como pertencente ao grupo de origem italiana.

3 Considerações Finais

Ao escolher tratar de temas e utilizar certos elementos recorrentes da Itália e que tratam de parte de uma experiência histórica importante para a formação cultural do Rio Grande do Sul, Lara de Lemos se inscreve na tradição da literatura gaúcha, ao criar um eu lírico que em momentos consegue ser o porta-voz da cultura trazida pelos imigrantes italianos e a respeito da relação entre os filhos destes colonos e as gerações posteriores, que nasceram no estado. Ainda que haja aproximação das experiências retratadas pela autora em seus poemas, não é possível afirmar que as experiências sejam de fato autobiográficas, pois em literatura há a criação ficcional que não tem qualquer compromisso com a realidade biográfica, a não ser que esta relação seja explicitada pelo autor quando fala sobre seu trabalho criativo, como no caso da auto-ficção, por exemplo.

A temática da memória se faz bastante presente em *Adaga Lavrada*, tanto no que diz respeito à tradição dos imigrantes italianos quanto aos acontecimentos biográficos da autora, que se inspirou nas experiências referentes à Ditadura Militar, por exemplo, para conceber poemas que servissem como representativos de um dado imaginário cultural. Bakhtin (1998) comenta que as formas estéticas podem dar informações sobre a época em que elas foram concebidas, desse modo, podemos afirmar que esta obra de Lara de Lemos retrata em parte significativa de seus poemas uma angústia, que está alinhada ao período em que o livro foi escrito (ainda não havia acabado a Ditadura). Essa angústia será tematizada em *Inventário do medo*, livro que trata mais especificamente da experiência a respeito da Ditadura Militar.

Fica explícita também a coexistência de dois espaços na ambiência do livro, espaço visto, aquele que é reconhecido pelo eu lírico como espaço em que ele está inserido e organizado por ele, e o espaço vidente, aquele que não há como ele próprio agir a respeito, pois o espaço é uma presença, mesmo em ausência. Em suma, poderíamos afirmar que existem algumas imagens que são recorrentes quando o eu lírico se refere aos imigrantes (pessoas trabalhadoras que têm relação próxima com o trabalhar na terra, principalmente em colheitas de uvas, que carregam uma dor ancestral) que tem por finalidade criar uma ambientação típica dos imigrantes italianos, que tem por papel caracterizar a particularidade da experiência deste povo na comunidade, em tentativa de diferenciá-los dos outros imigrantes e dos que ali habitavam antes deles, para formar uma imagem que os defina e que contribua para a





demarcação do espaço social dos imigrantes italianos, em oposição aos outros espaços que podiam existir à volta.

Referência

AZEVEDO, Luciene; DALCASTAGNÈ, Regina (orgs.). **Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

BAKHTIN, Mikail. **Questões de estética e literatura: a teoria do romance**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

BRANDÃO, Luiz Alberto. **Teorias do espaço literário**. Perspectiva: Belo Horizonte, 2013.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1: Prolegômeros e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 2006.

FILHO, Oziris Borges; BARBOSA, Sidney (orgs.). **Poéticas do espaço literário**. São Carlos: Editora Claraluz, 2009.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: _____. **Ditos e escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

LEMONS, Lara de. **Adaga lavrada**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Massao Ohno, 1981.

SCHMIDT, Rita Terezinha; BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas (orgs.). **Fazeres indisciplinados: estudos de literatura comparada**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

SANTOS, Tamara dos. Correspondências entre Lara de Lemos e Carlos Drummond de Andrade. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA UFRGS, 25, 2013, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2013. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/91162>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 103-133.

WOOD, James. **O que é a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

